

Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini*

Little Fascist Soldiers: military education during the Mussolini government

*Cristina Souza da Rosa***

RESUMO

A educação militar foi introduzida na Itália no final do processo de Unificação, quando as autoridades sentiram a necessidade de formar o cidadão-soldado. Neste período, era nas aulas de educação física que os meninos italianos recebiam as primeiras lições militares, pois a atividade física era vista como meio de fortalecimento do corpo e do espírito. No Fascismo, a educação militar encontrou terreno fértil, sendo introduzida aos poucos na vida dos jovens e das crianças. À medida que o governo fascista foi consolidando sua política expansionista, a educação militar foi ganhando mais força no contexto formativo educacional. Desse modo, este artigo tem por objetivo discutir a educação militar e seu papel ao longo do governo fascista.

PALAVRAS-CHAVE: Militarismo, Fascismo, Autoritarismo, Itália; Opera Nazionale Balilla, Gioventù Italiana del Littorio.

ABSTRACT

The military education was introduced in Italy at the end of the Unification process, when the authorities felt the need of the making of a citizen-soldier. In this period, the boys were taught their first military lessons in the Physical Education assignments at school, for the physical activity was seen as a mean of strenghtening the body and the spirit. In Fascism, the military education found a fertile field, being introduced little by little in the life of the young and the children. As the fascist government would consolidate its expansionist policy, the military education went on gathering more strength in the formative educational context. Thereby, this article has as an objective to debate the military education and its role during the fascist rule.

KEYWORDS: Militarism; Fascism; Authoritarianism; Italy; Opera Nazionale Balilla; Gioventù Italiana del Littorio.

Em 1922, Mussolini assumiu o cargo de primeiro ministro e iniciou um processo de transformação da sociedade, que culminou na consolidação do movimento fascista no poder. Inicialmente, os fascistas procuraram eliminar os opositores através da repressão e da perseguição, até que perceberam que a violência lhes garantiria uma adesão débil. Diante de tal conclusão, optaram por uma estratégia de conquista que atingisse o emocional das pessoas e que

* A pesquisa nos arquivos italianos foi realizada com o apoio financeiro do CAPES, por meio do Programa de Doutorado com Estágio no Exterior.

** Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) / Brasil.

garantisse uma adesão pelo coração e pela mente. Simultaneamente, buscaram construir um “novo homem”, que fosse um cidadão integrado no sistema, que assumisse os papéis sociais destinados a ele e que, acima de tudo, idolatrasse o Fascismo e seu líder. Com isto, seria possível garantir a continuidade do projeto nacional fascista, a adesão e a defesa da nação.

Os jovens e as crianças surgiram como o alvo principal da política educacional e de propaganda do Fascismo, pois através deles poderiam entrar na vida privada e pública da população italiana. As escolas, as universidades, as associações de trabalhadores (*Dopolavoro*), o cinema e as organizações da juventude assumiram a função de educar o “novo homem” e de divulgar a cultura política do novo regime.¹ Nas instituições do Fascismo, meninos e meninas recebiam uma educação voltada para a vida fascista, onde aprendiam que valores internalizar, como se comportar no dia a dia, a quem idolatrar e que papéis sociais assumir. Os meninos eram educados para serem bons pais de família, bons trabalhadores e bons soldados, enquanto as meninas aprendiam que a função da mulher era cuidar do lar, do marido, da prole, além de reproduzir o maior número de filhos para que compusessem os exércitos de trabalhadores e soldados do Fascismo.

Foi neste contexto de construção de um “novo homem” nacional, que a educação militar passou a fazer parte do sistema formativo das crianças e dos jovens italianos. A difusão desta educação vai acontecer por volta da segunda metade da década de 1920 alterando-se constantemente ao longo dos 22 anos de governo fascista. À medida que o governo foi se consolidando no poder e se estruturando ideologicamente, a educação militar também foi encontrando novos caminhos e objetivos.

A educação militar fazia parte de toda uma estrutura de ensino que visava formar o “novo homem” através de uma educação integral que envolvia o lado psicológico, físico e social. No começo do governo, as aulas de educação física se converteram no cenário ideal para preparar os corpos e as mentes dos jovens para o espírito guerreiro. Depois, foram as atividades da *Opera Nazionale*

¹ Entendemos Cultura política como um sistema de representações, complexo e heterogêneo, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que um determinado grupo atribui a uma dada realidade social, em determinado tempo. Um conceito capaz de possibilitar a aproximação com certa visão de mundo, orientando as condutas dos atores sociais em um tempo mais longo, e redimensionando o acontecimento político para além da curta duração.

Balilla (ONB) e da *Gioventù Italiana del Littorio* (GIL) que introduziram os jovens no mundo das forças armadas.

Para compreender o papel da educação militar no Fascismo é preciso entrar no universo das organizações da juventude, percorrendo um caminho de mudanças estruturais e de objetivos educativos, vindas do interior destas organizações e do próprio governo. Em 22 anos, o Fascismo foi evoluindo internamente, consolidando objetivos e projetos que refletiram diretamente na formação da juventude. Guerras e conflitos internos fizeram com que a educação militar deixasse de ser apenas um elemento a mais no sistema educativo para se transformar em um meio de construção do cidadão-soldado. O cinema, nesta conjuntura, teve um papel fundamental no processo de educação militar dos jovens e da sociedade, pois colocava a população em contato com o mundo guerreiro e expansionista do Fascismo.

Para melhor compreensão do leitor, o artigo está dividido em quatro partes. A primeira destinada à *Opera Nazionale Balilla*, que foi, até 1937, a organização da juventude responsável pela educação dos jovens, tanto militar, como física, social e moral. A segunda parte está reservada à *Gioventù Italiana del Littorio*, substituta da ONB. Foi nesta segunda organização que os meninos italianos receberam uma educação militar voltada para a guerra e onde aprenderam a ser verdadeiros soldados. O terceiro item aborda o papel do cinema como instrumento de propaganda do projeto expansionista e guerreiro de Mussolini. Por fim, uma pequena conclusão do trabalho apresentado.

Opera Nazionale Balilla e a educação militar

A *Opera Nazionale Balilla* foi criada em 1926, nos moldes da organização dos *Boys Scouts*, com o objetivo de educar moralmente, psicologicamente e fisicamente os futuros fascistas.

A direção da ONB estava a cargo de Renato Ricci, um importante *Ras*² da região de Carrara, que respondia diretamente as ordens de Mussolini. Esta estrutura de poder dava à organização e ao seu diretor uma grande independência dentro do governo Fascista. Isto lhe permitiu implantar de forma tranquila sua filosofia educativa. Mais tarde, a independência que gozava Ricci,

² Ras era o nome dado aos chefes regionais do Partido Nacional Fascista.

ao invés de lhe ajudar, vai lhe causar muitos problemas, entre eles uma disputa pelo controle da educação juvenil travada com um dos homens mais fortes do fascismo, Achille Starace, secretário do Partido Nacional Fascista (PNF).

Integravam os quadros da *Opera Nazionale Balilla* meninos e meninas entre seis e dezoito anos. Inicialmente, o alvo da organização eram os meninos, mas a partir de 1929 as meninas passaram a fazer parte da ONB, participando das *Piccole e Giovani Italiane*. Até este ano, estes dois grupos femininos estavam sobre o controle do Partido Nacional Fascista e pertenciam ao setor feminino da instituição. A matrícula na ONB era obrigatória, e todas as crianças e jovens que frequentavam escolas públicas estavam automaticamente inscritos nas organizações da juventude do Fascismo. O controle sobre a participação infantil e juvenil na ONB era intenso, e não ter um filho ou uma filha matriculado nela se convertia em um grande problema para os pais, que poderiam ser acusados, inclusive, de antifascistas. Neste sentido, muitos pais não deixavam de inscrever e levar seus filhos nas atividades, mesmo que não fossem obrigatórias.

A hegemonia da *Opera Nazionale Balilla* não foi alcançada de imediato; nem mesmo a inscrição obrigatória contribuiu para isto. Além da ONB, existia na Itália mais duas organizações da juventude: os escoteiros e os exploradores católicos, esta última ligada à Associação *Scouts* Católicos Italianos.³ Com os escoteiros, os diretores da ONB não tiveram problema, pois, apesar de bem organizados, não estavam ligados a um grupo especialmente forte e de poder como era a Igreja Católica. Já com a outra, a ONB enfrentou uma verdadeira batalha, pois a Igreja Católica controlava a maioria dos colégios particulares italianos e o Fascismo tinha receios políticos em relação a ela. A Igreja Católica era uma força política que Mussolini não podia ignorar e tão pouco agir agressivamente contra ela. A submissão desta ao governo fascista foi alcançada com diplomacia e muita negociação. A mesma tática foi adotada para conseguir a extinção dos Exploradores Católicos. Os dirigentes da ONB convenceram a Igreja a encerrar as atividades do seu grupo em troca da educação religiosa dos Balilla. Depois de intensa conversa, o Papa Pio XI aceitou a proposta pondo fim à associação juvenil e transferindo seus membros para a ONB.

³ Os Exploradores Católicos foram criados em 1916 por Mario de Carpegna e na prática não eram diferentes dos escoteiros.

Para garantir o domínio da ONB, e afastar qualquer concorrente, foi elaborando uma lei que, publicada em 9 de abril de 1928, proibia:

A formação e a existência de organizações que tivessem por objetivos promover a instrução, a preparação profissional, artística, ou de qualquer outro modo, a educação física, moral e espiritual dos jovens, excetuando a formação ou as organizações sobre o comando da Opera Nazionale Balilla (CAPORILLI, 1932: 71).

A implementação desta lei, além de tentar garantir a hegemonia da ONB, coincidia com o processo de “totalização” da sociedade pelo governo fascista, que tentava ampliar o controle sobre a sociedade afastando os grupos que pudessem concorrer ideologicamente. A lei atingiu “em cheio” o movimento escoteiro e as organizações juvenis pertencentes à Ação Católica, entre elas os exploradores católicos, as sociedades de ginástica católicas e as organizações universitárias católicas.

A estrutura interna da ONB estava dividida como a dos escoteiros, por idade e por sexo, organizadas da seguinte forma: dos seis aos treze os meninos faziam parte dos *Balilla*, enquanto as meninas das *Piccole Italiane*. Dos catorze aos dezoito, os meninos integravam os *Avanguardisti*, e as meninas entravam para *Giovani Italiane*. Em 1933, foi criado o grupo *Figli della Lupa* destinado às crianças de seis a oito anos. Cada divisão destas estava subdividida em legiões, que recebiam os mesmos nomes das antigas legiões do exército romano. Desta forma, os *Balilla* estavam enquadrados nas legiões *Coorti*, *Manipoli* e *Squadre*, enquanto os *Avanguardisti* pertenciam às legiões(;) *Coorti*, *Centurie*, *Manipoli* e *Squadre*.

Pietro Caporilli afirmou que a separação dos sexos durante as atividades da ONB tinha como motivo evitar a promiscuidade (CAPORILLI, 1932: 166). No entanto, esta divisão estava relacionada a uma característica misógina e puritana do Fascismo, que considerava as mulheres como seres inferiores, cuja única função era procriar e cuidar da família. Os fascistas viam o corpo feminino com receio, e afirmava serem as mulheres quem desviavam os homens de sua função social, através do prazer e da perdição refletida em seus corpos.

Ao entrarem na ONB os meninos e meninas realizavam um juramento diante de Mussolini, em uma cerimônia chamada de *Leva Fascista*, que acontecia em toda a Itália no mesmo dia. Na Praça Veneza, coração da Itália

Fascista,⁴ ou nas praças de suas respectivas cidades, os jovens fascistas reafirmavam a sua fé no regime e no *Duce* proferindo as seguintes palavras: “Em nome de Deus e da Itália juro seguir as ordens do *Duce* e de servir com todas as minhas forças e se necessário com o meu sangue à causa da Revolução fascista” (SAMMARTANO, 1934: 69).⁵ Durante a *Leva Fascista* também acontecia à passagem dos *Avanguardisti* ao *Fasci Giovanilli* e a destes à Milícia Voluntária pela Segurança Nacional e ao Partido Nacional Fascista.

A *Leva Fascista* era encarada pelas autoridades do regime como um momento de renovação nacional, pois nesta ocasião os jovens se tornavam oficialmente fascistas, recebendo a carteirinha de fascista e o *moschetto*.⁶ Segundo Mussolini, estes eram os dois símbolos mais importantes para um jovem *Balilla*, pois, nas suas palavras, “a primeira representava o símbolo da fé; e o segundo o instrumento da nossa força” (GENTILE, 2003: 115). Com os dois objetos em mãos, os jovens adentravam ao mundo novo da Itália e iniciavam uma vida de obediência, de dedicação e de sacrifícios pela nação, tendo em mente que as ordens de Mussolini eram incontestáveis. Para não se esquecerem das novas obrigações, o ritual de passagem era realizado todos os anos em 24 de maio, dia em que a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial. A associação desta data com o ritual de passagem não era fortuito. Os soldados italianos da grande guerra eram considerados pelo Fascismo como heróis nacionais, pois lutaram pela nação e por ela se sacrificaram. Neste dia em que os jovens se tornavam fascistas, lembravam os sacrifícios do passado como parte de sua formação individual, coletiva e militar.

Antes de 1935, as atividades da ONB aconteciam nas escolas públicas, onde os alunos recebiam dos instrutores lições de educação física e de cultura fascista. A partir de 1935, as atividades se concentraram nos sábados, chamado de Sábado Fascista, e eram realizadas na *Casa del Balilla*.⁷

⁴ Na Praça Veneza ficava a sede do governo Fascista e também o Altar da Pátria, lugar onde estavam enterrados os soldados mortos durante a Primeira Guerra Mundial, por isto, era chamada de “coração da Itália Fascista”. Também era nesta praça que Mussolini realizava seus discursos da sacada do Palácio de governo.

⁵ Este juramento era usado em todas as organizações fascista, inclusive pelos membros do Partido Nacional Fascista.

⁶ Arma de fogo portátil, semelhante a um fuzil, com cano curto, leve e fácil de manejar.

⁷ A *Casa del Balilla* era um lugar onde os jovens e as crianças se reuniam para praticar as atividades da ONB, e onde encontravam bibliotecas, salas de cinema e de jogos, entre outras coisas. A cidade que não possuía tal estrutura realizava suas atividades em alguma escola

A educação da juventude idealizada por Ricci seguia o lema: *Libro e Moschetto*, que consistia em formar moralmente e fisicamente cada membro e menina pertencente à organização. Deste modo, a formação militar dos meninos reunia atividades de tipo psicológicas e físicas como: palestras, viagens, acampamentos, cerimônia de culto aos mortos, educação física, exercícios militares e práticas desportivas. Todas estavam inter-relacionadas de forma a proporcionar aos jovens uma boa formação moral, social e física. A primeira coisa que temos que ter em mente para compreender a educação militar dos rapazes é que o Fascismo desejava construir um “novo homem”, cujos ideais e valores morais se distanciavam do individualismo exaltado pelo liberalismo. Assim, esperavam que o “novo homem” fascista internalizasse as seguintes qualidades: coragem, virilidade, respeito à hierarquia, disciplina, força, vontade. Todas eram qualidades militares e masculinas, que ao serem absorvidas fariam dos jovens e das crianças bons soldados, bons pais de família, bons maridos, bons trabalhadores e seguidores fieis do Fascismo. Vale observar que homens e mulheres tinham papéis sociais diferentes e o funcionamento perfeito da sociedade fascista dependia de que cada um assumisse o papel que lhe cabia. Neste contexto, as atividades recreativas e intelectuais eram tão importantes para a formação militar como a educação física ou os exercícios militares, segundo a concepção de Ricci.

No Sábado Fascista, os meninos se reuniam com seus companheiros vestindo o uniforme da sua legião, onde exibiam as insígnias do regime de Mussolini, apresentando-se com os cabelos penteados e o corpo limpo. A boa apresentação era uma exigência para participar do grupo da ONB, pois um *Balilla* bem alinhado representava o verdadeiro espírito fascista. A higiene era um dos elementos formadores do “novo homem”, pois a limpeza pessoal contribuía para manter o corpo saudável e preparado para a guerra. Um soldado doente se tornava um estorvo desestruturando o sistema tático belicoso, pois faltava ao fronte e desviava para seus cuidados médicos e enfermeiros. Por conseguinte, era preciso prevenir as doenças através de lições de higiene, ensinadas desde a mais tenra idade. No Sábado Fascista e nas escolas, os jovens recebiam lições de como se manterem longe das doenças venéreas e da

pública ou em algum centro de *Dopolavoro*.

tuberculose, principais males do período, e a cuidarem da higiene pessoal. As lições recomendavam coisas simples, mas fundamentais para a boa saúde, como deixar as janelas da casa abertas para garantir a entrada do sol e tomar banho com água fria para ativar a circulação.

Para fortalecer o corpo, os aprendizes praticavam uma ginástica inspirada na vertente sueca, de caráter militar, cujos exercícios visavam dar condicionamento físico e fortalecimento aos músculos dos braços e das pernas. De maneira geral, os exercícios executados eram agachamentos, polichinelos, apoios e abdominais. Para realizá-los os meninos se colocavam um ao lado do outro, formando um grupo ordenado que executava os exercícios de forma sincronizada. A ginástica artística masculina também foi introduzida na vida dos jovens *Balilla*, pois reunia uma série de exercícios para o fortalecimento dos músculos das pernas, dos braços, do abdômen e das costas. Os exercícios de ginástica visavam obter um ritmo perfeito dos movimentos e por isto foi adotada no treinamento militar de diferentes países. Os exercícios de ginástica artística exigem do praticante força, flexibilidade e coordenação motora e, em troca, conferem elegância e precisão aos movimentos dos atletas. O resultado obtido com a prática desta ginástica é uma boa postura para a marcha militar, precisão no manejo das armas, coordenação motora e força. Isto tudo, garantia aos jovens um domínio do corpo considerado importante na execução dos gestos de guerra.

A corrida era outra atividade que completava a formação militar dos *Balilla*, pois dava a eles o condicionamento físico necessário para caminhar longas horas sem descanso em uma operação militar. Para completar este quadro, os meninos eram submetidos à ginástica corretiva, que como o próprio nome sugere, visava corrigir os defeitos físicos dos praticantes através de exercícios específicos. Problemas de coluna e ortopédicos prejudicavam o desenvolvimento sano das crianças e mais tarde poderiam causar-lhes problemas durante os conflitos ou mesmo no trabalho. É importante ressaltar que o Fascismo visava preparar os rapazes, também, para serem bons trabalhadores e bons agricultores e a educação física e a ginástica artística eram excelentes neste sentido, pois melhoravam os músculos e harmonizavam as grandes funções do corpo humano como(:) a respiração, a circulação, a digestão e o controle do sistema nervoso.

A partir de 1930, os meninos passaram a realizar atividades com *moschetto*. Os *Balilla*, cuja idade não permitia o manuseio de armas de fogo, usavam réplicas em madeira, enquanto os *Avanguarditi* utilizavam armas de verdade.⁸ Com o acessório nos ombros executavam evoluções militares como marchar, correr, mirar, se colocar no chão com postura de tiro, etc. Os jovens do grupo dos *Avanguarditi*, cuja idade já permitia um treinamento militar mais avançado, tinham aulas de tiro e praticavam com metralhadoras de tipo leve.

O treinamento militar, a ginástica artística, a corrida e a educação física atuavam de forma eugênica, pois fortaleciam a raça à medida que deixavam o corpo fortalecido, higienizado e preparado para o combate. As atividades físicas proporcionavam um controle sobre o próprio corpo estimulando o domínio dos centros nervosos e melhorando o uso da energia. O controle e o conhecimento do corpo eram fundamentais para a formação de um soldado, que, com isto, teria ciência dos seus limites e da sua capacidade física e mental.

Nas férias, os integrantes da *Opera Nazionale Balilla* continuavam suas atividades em acampamentos, viagens de instrução ou cruzeiros. Os acampamentos, feitos ao estilo dos escoteiros, duravam de 20 dias a um mês. Neste período, os *Balilla* e *Avanguardisti* acampavam em barracas e executavam atividades militares e de sociabilidade em companhia de seus colegas e dos seus chefes de legião. O acampamento possuía um cronograma de atividades que permitia aos jovens adquirirem um aprendizado técnico e moral. Todos os dias pela manhã, bem cedinho, um deles dava o toque de despertar e, imediatamente, os rapazes saíam das barracas e iniciavam as tarefas diárias. Estas consistiam em preparar as refeições, cuidar da limpeza do campo e do corpo, realizar exercícios físicos e militares e a exaltar a nação e o regime fascista através de cantos, de rituais e da saudação romana. No dia a dia do acampamento os valores do Fascismo estavam presentes em todas as atividades, desde as mais insignificantes até as mais complexas. Isto, porque os acampamentos não eram um espaço de lazer e sim de formação social e militar do “novo homem”, que aprendia com suas ações a ser companheiro, responsável e respeitador da hierarquia. O controle dos espaços de lazer pelo governo era muito importante no processo de introjeção de valores, pois se configuravam

⁸ No decorrer da década de 1930, os *Balilla* deixaram de usar réplicas em madeira de *moschetto* e passaram a utilizar a arma de verdade.

como um lugar a mais de ascensão do Fascismo sobre a formação juvenil.

As viagens e os cruzeiros estavam dirigidos aos *Avanguardisti* e as *Giovani Italiane* e tinham como destino os lugares mais longínquos da Itália. Estes passeios consistiam em momentos de aprendizagem sobre o país e sobre o Fascismo, pois os jovens tinham contato com os feitos do governo fascista e eram estimulados a observar o crescimento econômico e social da nação (SAMMARTANO, 1934: 72-74). Os dirigentes do Fascismo esperavam que este conhecimento acendesse o patriotismo e o orgulho nacional, através do olhar sobre as belezas geográficas e sobre a história da nação. Os passeios estimulavam ainda o espírito militar e guerreiro, já que muitos dos lugares visitados tinham sido palcos de batalhas importantes para a Itália e para o Império Romano⁹. Nestes momentos de entretenimento, a formação do lado espiritual não ficava de fora, pois as viagens proporcionavam aos membros da ONB um convívio social com os colegas e chefes da organização, onde aprendiam princípios fundamentais do “verdadeiro fascista”.

A formação militar, social e moral dos jovens se dava também fora das atividades da *Opera Nazionale Balilla*, como, por exemplo, em cerimônias e rituais místicos do Fascismo, em que eles participavam ativamente, sendo, inclusive, peça-chave no cerimonial. Entre os rituais e as cerimônias mais relevantes do Fascismo encontramos o culto aos mortos¹⁰. Este consistia em parte importante da liturgia fascista, pois era utilizado como instrumento de exaltação da nação, do próprio Fascismo e como espaço formativo do cidadão. Nela, além de celebrar a morte dos soldados, se exaltava o sacrifício a que se submeteram em nome da nação e da coletividade. Os sacrifícios dos soldados se tornaram o cimento que unia a nação, pois eram comuns a todos. Segundo Renan, a nação é o resultado de um longo passado de esforços, de sacrifícios e

⁹ O Fascismo se apresentava como um continuador do Império Romano e via os italianos como herdeiros diretos do povo Romano.

¹⁰ O culto aos mortos não foi uma invenção fascista, pois era uma cerimônia já existente desde o final da Primeira Guerra Mundial. O Fascismo apenas se apropriou deste culto, dando-lhe um novo significado. Quando a grande guerra acabou, os governos locais e algumas comunidades iniciaram a construção de monumentos e mausoléus que homenageavam os seus soldados mortos. As cerimônias de inauguração destes monumentos ajudavam a amenizar os horrores da guerra e aliviavam o sofrimento e a dor da perda, ao mesmo tempo, em que comemoravam a nação e seu povo. Aos poucos, estas cerimônias foram ganhando força na Itália, até que em 1921 alcançaram o ápice com o traslado dos corpos dos soldados mortos na Primeira Guerra de várias cidades para um grande mausoléu construído na Praça Veneza, em Roma, chamado de Altar da Pátria. Assim, esse culto tornou-se na Itália do pós-guerra, pela força popular, uma das cerimônias mais celebradas.

de devoção compartilhados pelo coletivo (RENAN, 1997: 39). Sendo assim, somente o que é dividido pela coletividade pode dar sentido ao todo. Portanto, o povo reunido diante dos monumentos, consolidava o mito da nação unificada/totalitária. E este era o motivo inspirador de todo ritual fascista que perseguia a imagem de unificador (GENTILE, 2003: 171).

Os rituais de culto aos mortos alimentavam, ainda, o princípio da continuidade, que tinha por base a história nacional. O discurso ideológico fascista estabelecia uma ponte histórica entre o Fascismo e o passado nacional, buscando com isto garantir a legitimidade do governo e do seu líder. Nesta conjuntura, o culto aos mortos servia como cenário perfeito, pois relacionava os sacrifícios dos soldados da Primeira Guerra e da Unificação Italiana aos dos Camisas Negras. O Fascismo se apresentou aos italianos como um movimento de salvação nacional, cujas promessas principais eram retirar a Itália da situação crítica em que se encontrava no pós-guerra e de recuperar para o país o *status* de grande potência. Portanto, seria um movimento de sacrifícios e de salvação, como a Primeira Guerra e a Unificação, e, como tal, um continuador dos processos históricos aos quais se comparava. Além disto, estas cerimônias legitimavam o próprio poder de Mussolini e sua condição de grande líder e herói ao associarem os seus feitos aos dos soldados. Foram os guerreiros da Unificação e da Primeira Guerra os primeiros a derrotarem os inimigos da nação e agora, nas décadas de 1920 e 1930, era Mussolini quem encabeçava o processo contra os comunistas e os exploradores da Itália.

Nas cerimônias de culto aos mortos, o mito da continuidade era representado pelos *Balilla* e *Avanguardisti* que participavam dos eventos cívicos acendendo o fogo eterno, levando coroas de flores ou, simplesmente, desfilando diante do monumento. No caso do fogo, este simbolizava a força destruidora e purificadora do Fascismo, enquanto os *Balilla* e os *Avanguardisti*, a força transformadora refletida na juventude (GENTILE, 2003: 44). A comunhão simbólica que associava a juventude ao fogo representava não apenas a continuidade, mas principalmente a mudança social imposta pelo Fascismo. Segundo os ideólogos do regime, a mudança deveria ser empreendida no âmbito do ser para que este internalizasse o discurso e o colocasse em prática garantindo assim a continuidade do Fascismo no campo da política e da cultura. No entanto, estas cerimônias exibiam a face mais conservadora do regime, onde

a ordem social e política eram encenadas através dos desfiles dos pequenos integrantes do Fascismo. “O poder político é para o conservadorismo o cimento da sociedade que, seja qual for a sua estrutura, sem ele, cairia na anarquia” (BOBBIO, 2004: 245). Sendo assim, a disciplina, a hierarquia, a precisão dos movimentos e a rigidez dos jovens representavam simbolicamente a força do poder político fascista baseado na ordem social.

O culto aos mortos era parte do processo de sacralização da política. Esta sacralização conferia uma perspectiva religiosa ao regime, em que a nação, representada pelo Estado, passava a ser o objeto de fé. O indivíduo é componente fundamental desta religião e sua participação é feita a partir de uma prática exterior, coletiva, de rituais e comportamentos. Logo, é preciso educar as pessoas para praticarem a nova liturgia, fazendo com que aprendam os dogmas da religião civil e adquiram um senso de dever cívico e de obediência ao Estado. Com isto, entra em ação o Estado Educador com a missão de restaurar a unidade do corpo político e de formar cidadãos virtuosos (GENTILE, 2004: 6). O que vemos na cerimônia de culto aos mortos é a educação litúrgica do coletivo. Os jovens que participam das cerimônias estão integrados ao ritual de fé fascista ao idolatram os símbolos, os ideais e os homens do Fascismo. Ao executarem a liturgia desta fé, saudação romana, referências aos mortos e ao *Duce*, ensinam com seus gestos os que assistem os eventos cívicos. No entanto, este é um movimento de mão dupla, em que os mesmos jovens que ensinam também aprendem a exercer a cidadania fascista exibindo a fé, o orgulho, a disciplina e a força dos Camisas Negras.

É interessante observarmos que o Estado Educador é, também, um Estado autoritário, que imbuído do objetivo de formar bons cidadãos passa a controlar todos os setores formadores da personalidade. O lado autoritário do Estado esta relacionado com o desejo de inculcar a ideologia fascista para garantir a legitimidade do governo e a sua continuidade. Para isto, é preciso formar um “novo homem” que tenha em mente, acima de tudo, a Pátria, a fé fascista, e que deva obediência incondicional ao Estado. Os rituais lembram estes deveres ao exibirem a hierarquia, assim como o lema *credere, obbedire e combattere* que simboliza em três palavras os deveres para com o Estado autoritário.¹¹

¹¹ Este lema, assim como o juramento, não eram exclusividades das organizações da juventude, sendo compartilhado por todas as organizações do Fascismo.

Além do dever de obediência, do respeito à hierarquia, os jovens da ONB tinham que internalizar durante os cultos a lição de que muitos outros sacrifícios os aguardavam. O encontro com os heróis da nação atuava como um lembrete constante do esforço, da coragem, do dever e da renúncia que teriam que empreender ao longo de suas vidas de fascistas. Os dirigentes da ONB apostavam que através do contato com os soldados mortos os jovens estabeleceriam uma relação de amor entre eles e os heróis, e entre eles e Mussolini. Despertar o amor era de extrema importância para o jogo da conquista, pois a conquista através deste sentimento garantiria o respeito, a entrega e a obediência incontestável. Nutrindo amor e carinho pelo líder, os jovens o seguiriam e o respeitariam, imbuídos de medo não iram muito longe.

Os esportes compunham parte das atividades dos membros da ONB, e, como tantas outras, visavam formar o espírito dos jovens fascistas. Além de fortalecerem o corpo, os esportes serviam como formadores de personalidade, pois estimulavam a coletividade, o espírito de grupo e a disciplina. O lado competitivo dos desportos não era incentivado pelos dirigentes da ONB, pois segundo Ricci e Eugênio Ferrauto a competição e o treinamento causavam danos morais, psicológicos e fisiológicos aos adolescentes e às crianças (FERRARA, 1992: 242-244).¹² Ou seja, a competição não estimulava o companheirismo e a coletividade, ideais perseguidos por Ricci e Ferrauto. O comentário de Costanzo Ciarla demonstra perfeitamente qual era a função dos esportes e da educação física no contexto da ONB:

A educação física, produto de vontade, é espiritual adestramento que moraliza a ação, robustece para a luta, tempera o organismo, consolida os propósitos. Será bastante estranho que a educação física tivesse um fim limitado e se endereçasse exclusivamente aos músculos dos diversos órgãos do corpo (CIARLA, 1932: 11).

Vale salientar que, segundo Costanzo Ciarla, a educação física era o produto de vontade e, esta, juntamente com o sacrifício, era um dos pilares da “religião fascista”, sendo vista como o princípio da mudança e do poder, como o estímulo à força física e espiritual que levaria ao crescimento da nação. Portanto, nada mais natural que ligar o princípio da vontade à educação física, pois a atividade física é o motor do corpo que gera energia e hormônios que estimulam os movimentos e a ação.

¹² Eugenio Ferrauto era o braço direito de Ricci e era responsável pela educação física e pelas práticas desportivas executadas pelos membros da *Opera Nazionale Balilla*.

A insistência de Ricci em manter meninos e meninas longe do espírito competitivo e de fazer da educação física apenas um instrumento de formação moral e física(,) contribuiu para a sua derrocada e para o fim da *Opera Nazionale Balilla*. Sua concepção educativa começou a perder espaço no interior do governo a partir de 1930, quando o Fascismo iniciou uma política de expansão territorial, e se agravou em 1935, quando a Itália invadiu a Etiópia. A conjuntura política do Fascismo foi alterada ainda pela indicação de Achille Starace para secretário do Partido Nacional Fascista, cargo mais importante na hierarquia do partido depois de Mussolini. Com isto, a concepção de Ricci ficou praticamente insustentável dentro do governo.

Na década de 1930, mais do que nunca, o Fascismo necessitava heróis e campeões que associassem suas vitórias às conquistas territoriais do governo de Mussolini. Assim, se configurou a necessidade de empreender uma política educativa mais militarizada e mais competitiva, onde os jovens fossem estimulados a superarem a si e aos outros. Por esta razão, em 1933, Starace criou a medalha ao valor atlético, destinada a premiar os vencedores das competições esportivas. Os méritos que gravitavam em torno da premiação, superação e competição, iam totalmente contra os defendidos por Ricci e Ferrauto. Sua criação assinalava a nova era do governo, que se tornava mais agressivo na conquista por novos territórios e pelo controle totalitário do convívio social.

Em 1935, o ministro da educação De Vecchi introduziu nas escolas a disciplina de Educação Militar, vista como adequada ao clima histórico e guerreiro ao qual a Itália estava vivendo. A educação militar escolar era destinada, sobretudo, a alimentar no coração dos alunos o espírito guerreiro, pois era mais teórica do que prática.¹³ Os professores que a ministravam eram membros do exército e uma vez por semana, em apenas uma hora de aula, davam conferências sobre a história da guerra, a organização dos exércitos – em especial do italiano –, sobre as táticas de guerra e armamentos. No entanto, pelo pouco tempo destinado a ela e pela didática empregada, podemos perceber que a disciplina estava longe de empreender uma verdadeira formação guerreira. Entretanto, a didática adotada ajudava a reproduzir os valores e ideais

¹³ A parte prática da disciplina ficava a cargo da *Opera Nazionale Balilla*.

autoritários do Fascismo que deveriam ser introjetados pelas crianças como parte da formação da personalidade do cidadão fascista. As regras e as táticas de guerra não deixavam de exaltar os princípios básicos do militarismo, como coragem e hierarquia, tão idolatrados pelo regime.

Entre 1930 e 1937, Ricci foi perdendo espaço dentro do governo fascista, além de contar cada vez menos com o apoio de Mussolini. Starace, por sua vez, não descansou enquanto não acabou politicamente com seu maior inimigo. Para tentar desarticular a ONB passou a desmoralizá-la, afirmando que os professores da organização não estavam preparados para formar politicamente os jovens, pois lhes faltava o “verdadeiro espírito fascista”. Em 1937, o golpe final à ONB foi dado pelo decreto lei nº. 1839, de 27 de outubro, onde era criada a *Gioventù Italiana del Littorio*. A nova organização reunia em um único corpo político todas as organizações de formação juvenil do Fascismo, que agora estavam sobre a jurisdição do Partido Nacional Fascista e do seu secretário Achille Starace.¹⁴

A Gioventù Italiana del Littorio e os cidadãos-soldados de Starace

Em 1937, aproximadamente, seis milhões de adolescentes e crianças foram transferidos da *Opera Nazionale Balilla* para os quadros da *Gioventù Italiana del Littorio* (GIL). A organização recém criada não se diferenciou estruturalmente da antiga, mantendo, por exemplo, as mesmas divisões internas aos quais foi acrescentada uma nova subdivisão ao grupo dos *Balilla*, *Balilla di Moschettieri* (onze aos catorze), e os *Avanguardisti* passaram a se chamar *Avanguardisti di Moschettieri* (catorze aos dezoito) (PNF, 1941: 55). Os juramentos feitos durante a *Leva Fascista* e a cerimônia de passagem permaneceram os mesmos. As atividades da GIL continuaram ocorrendo no Sábado Fascista, assim como os acampamentos, as excursões e os cruzeiros. O uniforme usado também não foi alterado, os pequenos e os adolescentes seguiram vestindo calças e camisas negras, enquanto as meninas vestiam saias plissadas pretas e camisas brancas. O uniforme continuou a representar, no

¹⁴ Ao Partido Nacional Fascista cabia a *Gioventù Universitaria Fascista*, os *Dopolavoro* (associações de lazer destinadas aos trabalhadores), o *Comitato Olimpico Nazionale Italiano* (CONI), comissão que cuidava dos esportes olímpicos e das associações esportivas do país, e o *Fasci Giovanili di Combattimento*, a partir dos 21 anos.

micro universo infanto-juvenil, a estrutura de poder do Fascismo, baseada no autoritarismo, no militarismo e na hierarquia. Por outro lado, o vestir igual uniformizava os jovens e criava a sensação de unidade nacional perseguida pelo Fascismo, pois as diferenças entre os membros da GIL somente se notavam por pequenos distintivos que lhes conferiam poder de mando no interior do grupo.

A GIL seguiu como um organismo de educação integral, reforçado, em 1939, pela *Carta della Scuola*, que instituiu o serviço escolar.¹⁵ Tal serviço consistia em frequentar a escola e a GIL, de forma obrigatória, entre a idade de quatro a quatorze anos, e continuar na instituição até os vinte e um anos, mesmo ao deixar os estudos. Assim, a GIL passou a cuidar também da educação formal dos jovens italianos, principalmente no que dizia respeito à formação profissional. A organização incorporou ao seu quadro formativo centros profissionalizantes, que ofereciam o aprendizado de um ofício. Assim, os meninos aprendiam técnicas de marceneiro, ferreiro, eletricista, telegrafista, enquanto as meninas aprendiam a bordar, costurar, colocar a mesa, cozinhar e enfermagem. Se o centro estivesse localizado em uma área rural, as profissões ensinadas estariam relacionadas à atividade campestre. Tudo para que, ao saírem das oficinas, pudessem assumir os papéis sociais destinados a cada um dos sexos.

As semelhanças entre a organização de Achille Starace e de Renato Ricci terminavam por aqui, pois a do secretário do Partido Nacional Fascista (PNF) teve uma conotação mais militar que a do seu antecessor. Tal condição fica clara nos objetivos da GIL: “preparação espiritual, esportiva e pré-militar da juventude” (PNF, 1941: 56), e pode ser justificada pela própria atuação de Starace como secretário do partido. Entre 1931 e 1939, ele formalizou a “religião fascista” através da multiplicação de rituais e cultos e estabeleceu um “estilo de vida fascista” com a introdução de um rígido código moral e social, do qual ninguém que estivesse sob as vistas do regime poderia escapar. Com o novo secretário o controle do governo sobre os cidadãos foi ampliado, enquanto a “fascistização” da sociedade se consolidava e a sacralização do regime se fundamentava.

¹⁵ Este foi um documento instituído pelo ministro da educação Bottai, que regulamentou todo o sistema escolar fascista e investiu, de forma, oficial, a GIL da condição de instituto educativo. Com a *Carta della Scuola* todo o sistema educacional italiano foi integrado e unificado. *La Carta della Scuola*, Roma: editada a cura della Società Nazionale Dante Alighieri, 1939, p. 9.

A GIL, nas mãos de Starace, aumentou o controle social sobre a mocidade, garantindo ao Fascismo um espaço de introjeção do ideal de “novo homem”. A internalização de valores e de comportamentos assegurava à participação na “religião fascista”, e investia os jovens da condição de cidadão. Vale observar que o exercício da cidadania se fazia nos rituais e nas cerimônias, com o grupo de fascistas ao qual se pertencia. Era nestes momentos, que cada membro do corpo político exibia a sua cidadania. Os meninos e as meninas da GIL, por sua vez, se mostravam como cidadãos através da ordem e da disciplina exibidas nos desfiles, das demonstrações práticas das atividades e dos papéis sociais que exerciam no dia a dia.

Na GIL, o adestramento militar dos *Balilla* era feito através da educação física e de exercícios coletivos como ginástica, marcha e corrida. No entanto, não deixavam de praticar atividades típicas das forças armadas como de marinheiros, aviadores e soldados. O treinamento militar dos *Avanguardisti di Moschettiere* era ainda mais especializado do que dos *Balilla*. Nesse grupo, os jovens já tinham uma idade mais avançada e alguns já atingiam a idade de passarem às forças armadas. Sendo assim, quando chegavam aos *Avanguardisti di Moschettiere* escolhiam uma opção militar, para a qual receberiam o treinamento específico. As opções oferecidas eram as de pré-aviador, marinheiro, metralhador, esquiador, motociclista, ciclista, cavalaria. Os rapazes recebiam treinamento no mar e na terra; os pré-aviadores tinham aulas sobre o funcionamento de aviões e realizavam simulações de voos, aos marinheiros eram ensinadas regras de navegação associadas às práticas marítimas; os motociclistas, por sua vez, recebiam informações sobre motocicletas que incluía mecânica e direção. E assim seguiam os treinamentos, cada modalidade tinha uma instrução específica que habilitava os jovens ao exercício militar escolhido. Vale observar que a educação pré-militar era ministrada respeitando o desenvolvimento mental e corporal dos meninos, nas suas diferentes idades, com o escopo de formar os soldados que no futuro comporiam o exército de defesa nacional.

Todos os membros desses grupos executavam exercícios militares de campo e praticavam educação física e esportes. Na GIL o esporte e a educação física continuavam tendo um papel importante na formação moral e física dos jovens, pois estimulavam a coragem, a competição, a vontade, a disciplina ao

mesmo tempo em que fortaleciam os músculos. As aulas de higiene seguiam sendo ministradas, reforçando o velho princípio: “mente sã em corpo sã”.

Os rapazes que pertenciam aos quadros dos *Giovani Fascisti*, de dezoito a vinte e um anos, exerciam as mesmas atividades dos *Balilla* e dos *Avanguardisti*, além da prática de tiro. Para eles a instrução não tinha nada de lúdico, pois eram preparados para serem soldados. Desde 1938, quando foi regulamentada a Instrução Pré-militar obrigatória, ficou estabelecido que todos os jovens que completassem dezoito anos se tornariam soldados. O decreto real de 10 de agosto regulamentava a questão da seguinte forma:

Todo jovem inscrito na lista da “Leva”¹⁶ e apto às armas, torna-se soldado no ano no qual completa 18 anos de idade. A partir daí cabe-lhe a obrigação do serviço militar que, até o ato da chamada às armas, se satisfaça no âmbito da organização da Gioventù Italiana del Littorio. Tal serviço constitui a instrução pré-militar obrigatória.¹⁷

Respeitando a resolução de Mussolini para o ensino militar, a *Gioventù Italiana del Littorio* dividiu a instrução pré-militar em dois períodos:

A instrução pré-militar é aprendida com caráter continuado a todos os jovens do ano em que completam oito anos de idade até a chamada às armas, o que consente a este, vindo o tempo da Leva, de fazer parte das forças armadas do Estado com o necessário treinamento físico e espiritual. Tal instrução compreende dois períodos: O primeiro com início no ano que completa o oitavo ano de idade e vai até o ano que completa o décimo oitavo ano; o segundo do ano em que completa o décimo oitavo ano de idade até a chamada às armas (PNF, 1941: 55).

Devido ao estado bélico em que se encontrava a Itália, a chamada às armas poderia ocorrer a qualquer momento a partir dos dezoito anos. Caso não acontecesse, o jovem ficaria na GIL até os vinte e um anos, quando, então, entraria para as forças armadas, o Partido Nacional Fascista ou a Milícia Voluntária de Segurança Nacional. Enquanto estava na GIL, o jovem poderia ser convocado a integrar os chamados Esquadrões dos *Giovani Fascisti*, que ajudavam no controle da ordem pública e na proteção militar da Itália. O decreto de 10 de agosto serviu apenas para legalizar a formação do cidadão-soldado que já vinha se desenvolvendo com força desde a entrada de Starace na secretária do PNF. Nos desfiles e na guarda do Palácio Veneza, o mundo já via esta transformação. No tempo de Starace, grupos de *Balilla* foram recrutados para montar guarda, empunhando os seus fuzis, na entrada do Palácio Veneza,

¹⁶ A Leva seria o equivalente ao alistamento militar brasileiro.

¹⁷ Il decreto del Duce per l’ Istruzione premilitare, *Corriere della Sera*, nº. 226, 23 de setembro de 1938, p. 2.

sede do governo fascista. A imagem de meninos de seis anos se comportando como soldados chocou boa parte do mundo, inclusive Mussolini, que não gostou de ver seus pequenos fascistas sendo transformados em pelotões militares (TANNENBAUM, 1975: 168). A reação negativa do *Duce* pode surpreender o leitor. No entanto, ele tinha muito claro que o principal objetivo da GIL era formar cidadãos, o chamado “novo homem”, e que as oficinas dessa organização eram espaços de construção de identidade e de aquisição de uma profissão e não apenas um lugar para formar soldados. De certa maneira, no período em que a *Gioventù Italiana del Littorio* esteve sob o controle de Starace o objetivo geral foi esquecido e o lado militar exacerbado.

A militarização da sociedade pelas lentes do cinema

O cinema teve um importante papel no processo de militarização da sociedade italiana. Durante o Fascismo, a educação militar não se restringiu à educação dos corpos e da mente dos futuros soldados, estendendo-se a toda população. Esta não era uma educação igual à que recebiam os jovens da ONB ou da GIL, que aprendiam a manusear armas e a marchar, mas sim uma educação do olhar. O objetivo era exibir o potencial bélico e humano do Estado Fascista conquistando a simpatia da população para o projeto expansionista de Mussolini, criando uma sensação de segurança coletiva, onde o povo se sentia protegido e seguro. Vale observar que a guerra não se ganha somente nas trincheiras e no campo de batalha, mas também dentro do próprio país construindo um olhar positivo em relação a ela.

Na Itália, as imagens cinematográficas chegavam aos italianos através dos filmes educativos, de propaganda e dos cinejornais do Instituto Nacional LUCE. O LUCE foi criado em 1924, por Luciano De Feo, na condição de sociedade anônima, com o nome de *Sindacato Istruzione Cinematografica* (SIC).¹⁸ Em setembro de 1924, Mussolini teve contato com os filmes produzidos pelo SIC em Nápoles, durante a inauguração da Mostra da Imigração e de uma série de obras públicas. Segundo Ernesto Laura, após a projeção dos filmes, Mussolini se mostrou bastante impressionado, percebendo de imediato as possibilidades que

¹⁸ Em 1925, Mussolini mudou o nome de *Sindacato Istruzione Cinematografico* para *L'Unione Cinematografica Educativa* com o propósito de que as letras iniciais do novo nome formassem a palavra LUCE, que em italiano significa luz.

o cinema oferecia como instrumento de educação e propaganda (LAURA, 2004: 15). Em 1925, o LUCE se tornou um órgão oficial do governo com o propósito de levar aos italianos os ideais e os valores do Fascismo. Para cumprir com sua missão o instituto foi dividido em cinematecas, destinadas a produzirem filmes específicos e com autonomia para conseguir financiamento. Em 1927, foram criadas três cinematecas, entre elas a militar, destinada a produzir filmes “de adestramento técnico, que retratassem acontecimentos militares e navais ou cerimônias relativas à história de cada arma e corpo; filmes sobre institutos de instrução, de academias ou escolas militares, etc” (LUCE, 1934).

De fato, o LUCE produziu uma série de documentários e cinejornais que retratavam os eventos citados. No Fascismo, o cinema atuou como sujeito da história onde as imagens auxiliavam a transformar a visão de mundo da sociedade e criavam uma forma de inserção na nova realidade social. Isto acontecia através da divulgação dos papéis sociais a serem assumidos, da propalação de um novo comportamento social e também da difusão dos valores eleitos como nacionais. Os filmes produzidos pelo LUCE nos ajudam a compreender como se dava a educação do olhar pelo cinema e que recursos eram empregados para tal objetivo. Para isto, a sétima arte emerge neste texto como objeto da história cujas significações não são somente cinematográficas, mas, sim, sócio-históricas (FERRO, 1992: 87). Desta forma, nos concentraremos no que o próprio filme revela sobre o mundo político e social no qual foi produzido, analisando cada um dos seus substratos, imagem, imagens sonorizadas e não-sonorizadas, em relação à política do Fascismo. Dois são os cinejornais aqui analisados, o primeiro é mudo e o segundo tem a narração de uma voz feminina, coisa pouco comum para o período. Os dois seguem a mesma narrativa, apresentando os eventos e informando sobre eles.

O primeiro a ser discutido tem como título *Mussolini visita o I Campo Dux dos avanguardisti*,¹⁹ de 1929. Tal cinejornal anuncia, através de legenda, a grandiosa reunião dos *Avanguardisti* e é acompanhada por uma imagem panorâmica do local que está tomado por (b) *Balilla*, (a) *Avanguardisti* e *Giovani Italiane*. Todos estão reunidos no centro do campo, onde esperam o *Duce*. Com a chegada de Mussolini inicia-se o desfile dos jovens da ONB, que

¹⁹ *Mussolini visita il I campo dux degli avanguardisti a Roma*, 05/1929, P&B, mudo.

passam diante do palanque das autoridades e as saúdam com a saudação romana. Mussolini é visto observando o desfile, enquanto alguém, ao seu lado, assinala a multidão de jovens presentes. O *Duce* faz seu discurso; a câmara o mostra no palanque, e depois filma, no centro do campo, os jovens que o escutam atentamente. Quando termina de falar, ele é ovacionado pelo público infanto-juvenil. Sendo o filme mudo não podemos escutar o som da vibração, mas a câmara procura captar a alegria do momento filmando os rostos e os gestos dos jovens ouvintes.

Os filmes do LUCE utilizam um sistema de signos que buscam convencer sobre a veracidade do discurso ideológico produzido. O que significa dizer que, neste cinejornal, a vibração e a euforia dos jovens membros da ONB demonstram para o espectador a adesão nacional, mostrando que o povo italiano estava de acordo com o governo. “O sistema de signos é o meio fundamental da representação persuasiva, pois é neste sistema que encontramos os elementos que levam as pessoas a convencerem-se, a acreditarem, no discurso político” (NICHOLS, 2005: 101). Em *Mussolini visita il I campo* podemos perceber a construção do ideal de unidade nacional representada pelo grande desfile dos membros da ONB. Os desfiles são filmados em panorâmica e impressionam pela quantidade de jovens que compõem o cortejo. Este grupo unido e sincronizado simboliza, nas telas, o mito da nação unida em torno de um mesmo objetivo e de um único condutor. Nas sociedades de massas, o líder possuía uma grande força representativa, simbolizando a nação, o Estado e a vontade popular. Deste modo, o chefe e o cortejo vistos como único corpo político representam a união entre o povo italiano e a nação. Ao mesmo tempo, os jovens do desfile não têm rosto, estão diluídos na multidão e mesclados pelo uniforme. O anonimato era um recurso cinematográfico utilizado com frequência, visto nos desfiles e nas cenas de multidão, para estimular no espectador uma identificação como o grupo. Ou seja, olhando a coletividade no cinema ele poderia se sentir como parte integral do grupo, sentindo e vibrando também.

Ao terminar o discurso, Mussolini deixa o campo e vai para o estádio do *Campo Dux*, quando se inicia a segunda parte do cinejornal e do evento. Visita o acampamento, inspeciona as barracas, prova a sopa do jantar e se encaminha para o estádio. No campo do estádio serão realizadas as demonstrações atléticas

e militares executadas por centenas de jovens para o *Duce* e o público acomodado nas arquibancadas.

A legenda “exercícios coletivos” anuncia o começo das demonstrações. A cena que se segue pode ser descrita da seguinte forma: na parte superior da tela vemos filas de jovens entrando no campo do estádio; ao chegarem ao centro, os jovens se separam e ocupam todos os espaços com os braços abertos, estabelecendo a distância limite entre eles. Em seguida, iniciam uma série de exercícios, em ordem e no mesmo ritmo. A câmera do LUCE filma a demonstração em plano geral, revelando a sincronia existente entre eles, e, com tomadas próximas, exhibe a precisão e a perfeição dos movimentos e corpos. A exibição dos corpos fortes e saudáveis era fundamental para a educação do olhar, pois revelava a potência física do exército nacional, expondo que os soldados e futuros soldados tinham capacidade de resistir às intempéries dos campos de batalha e condições físicas para lutar contra os inimigos.

A próxima demonstração é a montagem de barracas. Na tela, aparecem inúmeras tendas desmontadas e dobradas; em volta de cada uma está um grupo de quatro ou cinco jovens. Os jovens começam a desdobrar as lonas para erguê-las, quando surge uma legenda informando que a montagem é “executada com a rapidez e com a perícia dos velhos militares”. Então, vemos os jovens armando as barracas em grupos, com muita rapidez. A câmera filma Mussolini, que está em um palanque, sorridente e orgulhoso de seus *Avanguardisti*. O sorriso do *Duce* se assemelha ao de um pai que acha “engraçadinho” os feitos dos filhos. Mussolini, ao longo dos anos de governo, adotou diversas facetas, entre elas a do grande pai. A criação de laços afetivos entre o povo e o líder evidenciava a inserção do povo no poder, que se via representado diretamente pelo líder, sem intermediários. Deste modo, o autoritarismo ganhava ares de democracia, onde o *Duce* era o representante legítimo e único dos interesses nacionais. A relação do líder e do povo com base na emoção conferia legitimidade política ao poder autoritário de Mussolini. Neste sentido, a grande família era composta pelos grupos de fascistas e pelo povo, que compartilhavam os mesmos valores e as mesmas práticas sociais impostas pelo regime.

À medida que os grupos terminam a tarefa de montar as barracas, se colocam em fila, um atrás do outro, e em forma. A câmera filma, em plano de

conjunto, uma das equipes, ao lado da tenda.²⁰ Segundos depois, os jovens começam a operação inversa, desarmando-as com a mesma rapidez que as montaram. Aqui o que nos chama a atenção não é atividade em si, mas a legenda que a acompanha. Os dizeres enaltecem a rapidez e a perícia dos jovens, à semelhança dos velhos militares, revelando o nível da formação bélica dos *Balilla* e *Avanguardisti* e elevando-os à condição de soldados. Mesmo que estes não tivessem idade militar, o Estado Fascista se tornava mais forte com a certeza de que poderia contar com eles em um momento de necessidade. Isto fica claro no discurso que Mussolini proferiu no dia em que visitou o campo: “Estou seguro que hoje ou amanhã estareis prontos todas as vezes que o Fascismo e a Itália lhes chamarem. Prontos com os músculos e prontos com a alma”. Ao mesmo tempo a frase da legenda e a demonstração em si revelam aos espectadores a seriedade da educação militar. Nos eventos organizados pelo Fascismo e exibidos pelo cinema, os adolescentes e as crianças eram tão sérios e engajados como os soldados das forças armadas e os membros do PNF. Observando a postura dos jovens, o espectador poderia adquirir confiança no futuro ao ver que a nação ficava mais forte.

O filme também exibe a fé juvenil no Fascismo na sequência final, quando os *Avanguardisti*, junto com Mussolini e os membros do PNF, se dirigem ao Altar da Pátria para homenagearem os militares desconhecidos. Um grupo de membros da ONB, seguido por seus companheiros e chefes, leva uma coroa de flores gigante ao Altar, depois de deixá-la no local determinado, desfila diante dele e o saúda com o braço estendido. Mais uma vez, nas telas dos cinemas era exibida a liturgia fascista, onde a participação dos jovens representava a continuidade do Fascismo e também a adesão nacional.

La colonia Montana del Cadore: esercitazioni de Marinaretti e Balilla, cine jornal de 1935, é outro exemplo de filme que exibe a educação militar dos pequenos fascistas. Este mostra as atividades cotidianas executadas no acampamento de *Avanguardisti Marinaretti* (marinheiros) e *Balilla* na cidade de Cadore.²¹ A narradora informa que os jovens se adestram com “interesse e entusiasmo no manejo de *moschetto* e de metralhadora leve” nas atividades

²⁰ Plano de conjunto: plano um pouco mais fechado do que o plano geral.

²¹ *La colonia Montana del Cadore: esercitazioni de Marinaretti e Balilla*, 09/1935, P&B, sonoro.

cotidianas do acampamento. As imagens mostram um grupo de *Marinaretti* formado por dois *Avanguardisti* e dois *Balilla* perfilados, com o peito bem estufado, ao lado da barraca e com chapéu de marinheiro. Logo aparecem mais quatro meninos, igualmente dois de cada grupo, com bonés, junto à barraca. Todos estão com as armas em posição de descanso ao lado do corpo. Em seguida, a câmara exhibe, em plano geral, vários jovens ao lado de barracas, que logo começam a correr. E correndo chegam ao centro do acampamento, colocam-se em forma diante dos chefes e, com os *moschetto*, que já não são mais de madeira, e as metralhadoras no ombro, começam a caminhar em direção ao local de atividades. Estes jovens encenam uma metáfora da ordem e da disciplina idealizada pelo Fascismo. Os documentários políticos se utilizam de tropos para tratar de conceitos e questões sociais. Este recurso ajuda os espectadores a definirem ou a compreenderem as coisas com base no que elas parecem ser, estabelece uma imagem que contém nosso próprio encontro físico ou experimental com uma situação, e não nosso conhecimento de dicionário. “As metáforas valem-se de formas de experiências pessoais, como a orientação espacial, para atribuir valores aos conceitos sociais” (NICHOLS, 2005: 107-108).

Enquanto os rapazes marcham, a narradora anuncia: “aqui estão às atividades cotidianas” e a música vibrante se intensifica, iniciando a sequência cinematográfica das atividades. Na tela, eles aparecem correndo e saltando obstáculos, passando mensagens com bandeiras e marchando. A última atividade executada pelos meninos é, para nós, a mais interessante, pois é uma demonstração da presteza com o manuseio das armas. O exercício consiste em montar e desmontar as armas em grupo. Na tela, em primeiro plano, vemos os *Marinaretti*, em grupo de três, montando uma metralhadora. No fundo, em segundo plano, um grupo de *Balilla* monta seus *moschetto* no chão. Quando os *Balilla* terminam a montagem, se levantam, colocam a arma no ombro e ficam em forma. Os *Marinaretti*, montada a metralhadora, ficam em posição de mira e tiro; depois a desmontam novamente, correm para o outro lado do campo e voltam a montá-la. Tudo ao ritmo de uma música intensa e vibrante que encerra o cinejornal. A música tem um papel importante na composição cinematográfica, pois é ela quem empolga o público levando-o a se emocionar diante das imagens.

Enquanto no cinejornal de 1929 a sutileza prevalece, no de 1935 os meninos surgem como soldados que lidam com equipamento de guerra e dos quais se espera engajamento no momento certo, como demonstra a faixa, que aparece na segunda sequência: “*Avanguardisti*: vocês são a aurora da vida, vocês são a esperança da Pátria, vocês são, sobre tudo, o exército de amanhã”. Por conta da guerra da Etiópia, os meninos deste cinejornal aparecem em uma ação belicosa explícita e já não são mais como os jovens do filme de 1929 que apenas montam e desmontam barracas com a habilidade “dos velhos militares”. Os de 1935, já são soldados e representam na tela esta condição. Uma condição cotidiana, como informa a narradora ao apresentar as atividades do acampamento da ONB na cidade de Cadore. O que nos revela que, na década de 1930, a educação militar, com prática de armas e de guerra, era cada vez mais presente no dia a dia dos *Avanguardisti* e *Balilla*.

Como podemos perceber os filmes produzidos pelo LUCE visavam praticamente três coisas. Primeiro, criar uma sensação de confiança no governo de Mussolini, demonstrando o cuidado do líder com a defesa nacional e com o futuro da nação, representado pela educação infanto-juvenil. Segundo, divulgar valores nacionais que deveriam ser internalizados pelo espectador, ajudando a construindo o “novo homem”. Os jovens da ONB e da GIL apareciam nas telas como exemplos do “novo homem” e nesta condição deveriam ser imitados, pois representavam pelas suas ações o espírito do verdadeiro fascista que, segundo Mussolini, tinha como prioridades: “(...) o trabalho, depois a disciplina, depois o desinteresse, depois a integridade moral, depois a lealdade, a pureza e a coragem”. Por outro lado, as imagens dos corpos fortes e musculosos dos *Avanguardisti* e *Balilla* e a disciplina e a ordem dos grupos, compunham uma metáfora do Estado autoritário e conservador fascista. Elas transformavam conceitos invisíveis em imagens concretas e ajudavam a consolidar práticas sociais.

Por fim, e não menos importante, os filmes almejavam estimular um processo de identificação entre o espectador e o regime, simbolizado nas imagens pelos grupos que desfilavam e pela multidão. Procuravam conquistar o público pelo sentimento, pela simpatia, pela emoção. Para tocar o espectador era preciso lidar com as suas expectativas diárias, suas experiências e suas motivações. Assim utilizavam nos documentários e cinejornais elementos que

faziam parte do mundo social e coletivo italiano, que pudessem estabelecer ligações e não repulsa. Isto nos ajuda a entender porque em 1935 os membros da ONB aparecem como soldados. Neste período, a guerra já fazia parte do cotidiano italiano, bem como as armas, e ver os *Balilla* com *moschetto* de verdade já não causava tanta repulsa na população.

Neste sentido, durante o Fascismo, as salas de projeção se converteram em um espaço de divulgação da cultura fascista, de introjeção de valores e de contato com o “estilo de vida” fascista.

Conclusão

A educação militar fascista não foi constante, como demonstrado ao longo do artigo. Sua intensificação foi acontecendo ao longo dos tempos, na medida em que o Fascismo se consolidava no poder e em que definia sua política educacional e militar.

Nos primeiros tempos de Fascismo, a educação militar fazia parte de um contexto maior, em que o objetivo era oferecer uma educação integral higiênica, psicológica, social, moral e física, dando vida a um sistema ginástico, recreativo, pré-esportivo e esportivo (FERRARA, 1992: 242-244). Neste cenário, a educação militar era feita através da educação física, que deveria fortalecer o corpo e o espírito dos jovens. O que prevalecia neste momento era a educação militar do espírito, onde os integrantes da ONB adquiriam os valores do bom guerreiro e não especificamente as técnicas. Desta forma, a educação militar deveria estimular a coragem, a força e a disciplina ao invés do princípio belicoso. Imperavam os ideais de Ricci de não competição, e a *Opera Nazionale Balilla* buscava reunir todos os meios educativos possível para a formação do cidadão fascista, ou seja, do “novo homem”. A concepção de Ricci só era possível, em certa medida, porque na década de 1920, o expansionismo ainda não estava latente na sociedade fascista e a educação militar era direcionada a educar o corpo, ao fortalecimento muscular e ao estímulo da energia vital. Não se pode negar que existia uma educação militar voltada para as armas, mas estava longe aquela adotada por Starace na década de 1930.

Quando Starace assume a presidência do PNF e os planos expansionistas de Mussolini ficam mais claros, as coisas mudam em relação à educação militar

e esta ganha um novo sentido. Achille Starace instaurou a era da educação do cidadão-soldado em oposição à do cidadão-nacional de Renato Ricci.

Com Starace no comando do Partido Nacional Fascista, os *Balilla* passaram a exibir em suas atividades um *moschetto* de verdade, modelo 91, enquanto seus companheiros *Avanguardisti* passaram a manusear metralhadoras leves. Neste momento, a educação militar se intensificou e as atividades dos jovens adquiriram um sentido bélico, onde passaram a exercitar rituais de guerra, como montar armas e fazer demonstrações com elas, como vimos na parte relativa aos filmes do Instituto LUCE. Neste período, o desejo de Starace era formar soldados não para o futuro, mas para o presente, e que estivessem habilitados a assumirem um posto nas forças armadas assim que fosse necessário. Este objetivo é reforçado pela lei de 10 de agosto de 1938, que afirma que o serviço militar para os jovens de dezoito anos “se satisfaz no âmbito da GIL”. Isto dava a Starace a possibilidade de introduzir na organização da juventude uma educação mais militarizada, onde o que mais importava era a preparação para a guerra e não do espírito.

Mais ou menos voltada para a guerra, a educação militar estava inserida no processo formativo do “novo homem” fascista, fazendo com que meninos e meninas internalizassem as qualidades de coragem, força, vontade e disciplina. Ao mesmo tempo, a educação militar era um meio de integrar os jovens e as crianças na sociedade fascista, pois os ensinamentos militares forneciam-lhes elementos para participarem do ritual fascista e os capacitavam a serem cidadãos. De modo geral, eram os valores militares que contribuíam para a formação do “novo homem”, muito mais que as técnicas de guerras. Pois, mesmo que não se tornassem soldados, a educação militar os auxiliaria na formação individual, como homens e como fascistas.

Bibliografia

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. V. 1. 5ª ed. São Paulo: Editora UnB/Imprensa oficial, 2004.

CAPORILLI, Pietro. *Il Fascismo e i giovani*. Roma: Novissima, 1932.

CIARLA, Constanzo. In *La Scuola Nazionale Fascista*, ano I, n. 2, 29 de fevereiro de 1932.

FERRARA, Patrizia. *L'Italia in palestra. Storia, documenti e immagini della ginnastica dal 1833 al 1973*. Roma: La Meridiana Editori, 1992.

FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

GENTILE, Emilo. *Il culto del littorio. La sacralizzazione della politica nell'Italia fascista*. 2ª ed. Bari/Roma: Editori Laterza, 2003.

GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. IN: BICALHO, Maria Fernanda Baptista, et al. *Culturas Políticas. Ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? IN: ROUNET, Maria Helena. *Nacionalidade em questão*. UERJ: Instituto de letras, 1997.

LAURA, Ernesto G. *Le stagioni dell'aquila. Storia dell'Istituto LUCE*. Roma: Istituto LUCE, 2004.

LUCE. Origine, organizzazione e attività Dell'Istituto Nazionale "LUCE". Roma, 1934.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Editora Papyrus, 2005.

Partido Nacional Fascista. *Il primo e secondo libro del fascista*. Roma: PNF, 1941.

TANNENBAUM, Edward R. *La experiencia fascista: Sociedad y cultura en Italia (1922-1945)*. Madrid: Alianza Editorial, 1975.

Colaboração recebida em 31/07/2009 e aprovada em 31/08/2009.